

# CORREIO BRAZILIENSE

todo



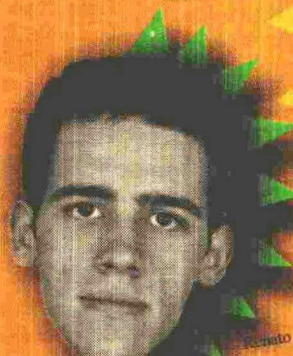
As palavras  
desses jovens  
podem mudar o Brasil.  
E já começaram a  
mudar suas vidas.



Ludmylla



Welton



Renato



Bárbara

Estes são os vencedores da edição 2000 do Prêmio Nacional Assis Chateaubriand de Redação. Com seus textos, eles mostraram que, além de talento literário, têm muito a contribuir para o crescimento de seu país. A Fundação Assis Chateaubriand parabeniza os ganhadores e agradece a participação de todos. Com eles, o futuro do Brasil certamente será melhor.

**Entrega dos prêmios:**  
Data: 5 de dezembro de 2000, às 10h  
Local: Auditório do Correio Braziliense  
SIG Q. 02, Lote 340, Brasília, DF

## PREMIAÇÃO

- 1º Grau**  
1º Ludmylla Prates Timo, Sobradinho/DF  
1º Welton Nogueira, Caeté/MG  
2º Hernani Franca Miranda, Santa Luzia/MG  
3º Raquel Regina Tito, Belo Horizonte/MG
- 2º Grau**  
1º Renato Cabral Dias Dutra, Timóteo/MG  
2º Pollyanna Carla da Silva Moreira, Guiricema/MG  
3º Thais Fernandes Palhares, Belo Horizonte/MG
- Universitário**  
1º Bárbara Martins Lopes, Recife/PE  
2º Cristiano Matos de Santana, Campina Grande/PB  
3º André Luiz Duarte Nunes, Belo Horizonte/MG

## MENÇÕES HONROSAS

- 1º Grau**  
Raquel Marinho Alvino  
Viviane Aparecida Martins  
Sarah Pereira Matos Miranda  
Márcio Almeida Silva  
Gabriela Almeida de Lima
- 2º Grau**  
Maria Cecília Pereira Cardoso  
Anunis Aparecido Antunis  
Meline Duarte Lima  
Leilah Sahihi Pezeshk
- Universitário**  
Gustavo R. Agostini  
Francisco Eduardo Pereira  
Rogério Gravina Roque  
Fabiano Silva Maia  
Marceli Araújo Prado



# VENCEDORES RECEBEM PRÊMIOS HOJE

PÁGINA 2





## COMISSÕES JULGADORAS

Três Comissões Julgadoras formadas de professores, escritores e líderes de entidades culturais trabalharam durante três meses na seleção dos melhores trabalhos abordando o tema "O Brasil que Podemos Fazer".

São os seguintes os 27 membros das Comissões Julgadoras do Prêmio Nacional Assis Chateaubriand 2000, pela ordem alfabética: Adson do Amaral, Affonso Heliodoro dos Santos, Anderson Braga Horta, Antônio Edvar de Araújo Lima, Branca Bakaj, Cleusa Neves da Silva Lopes, Clovis Sena, Elisete Soares do Nascimento, Fagundes de Oliveira, Flávia Maria Cotrim Vasconcelos, Gustavo Dourado — (Armagedom), Inocêncio de Jesus Viegas, João Carlos Taveira, José Ferreira Simões, José Geraldo Pires de Melo, José Ribamar de Oliveira Madeira, Kurt Pessek, Leon Frejda Szklaurowsky, Lília Portugal Magnavita, Lourierdes Fiuza dos Santos, Luiz Carlos de Oliveira Cerqueira, Mário Tomelin, Mauro Castro, Nazareth Tunholi, Neusa França, Palmerinda Donato e Vera Lúcia de Oliveira Jesus.

Os membros das Comissões Julgadoras receberão também diplomas na festa de premiação dos vencedores.

### EXPEDIENTE

#### FUNDAÇÃO ASSIS CHATEAUBRIAND

Endereço: SIG Quadra 2 Lote 340 — Edifício da TV Brasília, 3º andar  
Telefones: (0xx61) 342-1491 / 342-1492  
Fax: (0xx61) 342-1494

#### PRESIDENTE:

Paulo Cabral de Araújo

#### VICE-PRESIDENTE:

Gladstone José Vieira Belo

#### DIRETOR-EXECUTIVO:

Márcio Cotrim

#### CONSELHOS DE CURADORES

Jarbas Passarinho (Presidente)

Ari Cunha (Vice-Presidente)

Gilberto de Andrade Faria

Hindemburgo Pereira Diniz

Mário Pacini

Arnaldo da Costa Prieto

Francisco Braga Sobrinho

Cláudio Renato Chaves Bastos

Edison Zenóbio

Ibanor José Tartarotti

Manuel Eduardo Pinheiro Campos

#### CONSELHO FISCAL

Evaristo de Oliveira

José Alberto Couto Maciel

Ney Octaviani Bernis

# VENCEDORES RECEBEM PRÊMIOS HOJE

A outorga dos diplomas e prêmios em dinheiro aos vencedores do Prêmio Nacional Assis Chateaubriand de Redação 2000 ocorrerá em comemoração aos 108 anos de nascimento do patrono da Fundação, jornalista Assis Chateaubriand, e pela passagem dos 76 anos de existência dos Associados.

A entrega dos prêmios será feita hoje, às 10h, pelo presidente da Fundação Assis Chateaubriand, jornalista Paulo Cabral de Araújo, em solenidade a se realizar em Brasília, sede da Fundação, no auditório do jornal Correio Braziliense (Setor de Indústrias Gráficas, lote 340).

O Prêmio Nacional Assis Chateaubriand de Redação 2000 é o sexto concurso promovido pela Fundação Assis Chateaubriand objetivando motivar os estudantes brasileiros para a redação de textos, dentro do seu projeto de incentivo à educação e à cultura.

As versões anteriores do Prêmio Nacional Assis Chateaubriand de Redação enfocaram os seguintes temas: "Assis Chateaubriand — Vida e Obra", em 1992, para comemorar o centenário de nascimento do fundador dos Diários Associados; "O Papel do Jornal na Sociedade", em 1995-1996; "Minha Cidade, Minha Vida", em 1997; "Exemplos de vida na Minha Cidade", em 1998 e "A Importância do Computador no Mundo Moderno", em 1999. O Prêmio Nacional Assis Chateaubriand de Redação 2001 tem como tema "O Esporte como Fator de Combate às Drogas" e destina-se a estudantes do 1º e 2º graus e do nível universitário de todo o País.

### ALÉM DOS ESTUDANTES CLASSIFICADOS EM 1º, 2º E 3º LUGARES E OS QUE OBTIVERAM MENÇÃO HONROSA, RECEBERÃO TAMBÉM DIPLOMAS OS SEGUINTE SEMIFINALISTAS:

#### SEMIFINALISTAS — 1º GRAU

Adrielis Jardim de Souza, Cachoeira do Sul — RS; Aline Gomes Rocha, São Francisco — MG; Amanda Regina Rodrigues Soeira, Ceilândia Sul — DF; Ana Caroline Carneiro de Avelar, Sobradinho — DF; Antônio Afonso, Vespasiano — MG; Bibiane Andrade Borges, São Gonçalo do Sapucaí — MG; Breno Gomes da S. Mesquita, Brasília — DF; Camila Gomes Pereira, Brasília — DF; Cintia Alves de Sousa, Candangolândia — DF; Clésia Martins, Brazilândia — DF; Cristiano Rocha Campos Pereira, Brasília — DF; Cristiano Valdir Jales, Rio Piracicaba — MG; Daniela Daine Jesus de Oliveira, Itaúna — MG; Débora Marques Gonçalves, Valparaíso I — GO; Débora Samara Cruz Rocha Farias, Campina Grande — PB; Fabrício Zimmer, Alto Feliz — RS; Isis Layne de Oliveira Machado, Sobradinho II — DF; Izabel S. Vasconcelos, Recife — PE; Júlia Daiane Mendes da Silva, Ouro Fino — MG; Loraine Gomes da Silva, Ituiutaba — MG; Lucas Magalhães Canoas, São Sebastião do Paraíso — MG; Lucianara A Fonseca, Itaúna — MG; Luciane de Jesus Martins, Planaltina — DF; Luciano Rosa da Silva, Governador Valadares — MG; Lucicleide Maria da Silva, Pombos — PE; Lucijane de Jesus Martins, Planaltina — DF; Luiza Bernardes Assis, Itaúna — MG; Maria Bernardete Ferreira, Rio Piracicaba — MG; Mariana Rodrigues de Moura, Sobradinho — DF; Marina Nogueira, Itaúna — MG; Mauro Luiz da Costa, Belo Horizonte — MG; Nayane Duarte Santos Oliveira, Contagem — MG; Orderon Ferreira Cardoso, Brasília — DF; Priscila Brauna Curvina Pereira, São Luís — MA; Priscila Patrício de Novais, Belo Horizonte — MG; Rafael Antunes Almeida, Ouro Preto — MG; Rogério Albernós Santos Júnior, São Francisco — MG; Shirley Guimarães Viana Gonçalves, Brasília — DF; Sônia Maria Florência da Silva, Porto Velho — RO; Victor Veloso Cunha, São Francisco — MG; Viviane Aparecida Martins, Araxá — MG.

#### SEMIFINALISTAS — 2º GRAU

Alanne Kardec Pascoal, Itabirito — MG; Aline Lopes da Nóbrega, João Pessoa — PB; Amanda Xavier Neves, Ouro Preto — MG; Ana Carolina Rodrigues, Contagem — MG; Ana Paula de Araújo Koerner, João Pessoa — PB; Ana Sílvia Scandolara, Pranchita — PR; Anne Calolline Fernandes Duarte, João Pessoa — PB; Braitner Lobato da Silva, Ceilândia Sul — DF; Camila do Desterro, Rio de Janeiro — RJ; Camila dos Desterro, Rio de Janeiro — RJ; Carlos Wagner Vieira, São Gonçalo do Sapucaí — MG; Cátia de Cássia da Silva, Abre Campo — MG; Danielle Mítiko Watanabe Doy, Taguatinga — DF; Dannuza Danielle Honório Dantas dos Santos, João Pessoa — PB;

Dionizete de Alvarenga Barreto de Farias, Campos — RJ; Djanira Xavier Sitônio, João Pessoa — PB; Eduarda Amorim dos Santos, Belo Horizonte — MG; Elizângela Rosa, Ribeirão das Neves — MG; Emanuele das Dores Martins, Campo Belo — MG; Ericka Pinho Cavalcanti de Albuquerque, João Pessoa — PB; Euliane Maria de Carvalho, São Luís — MA; Francisco Leandro Soares de Souza, São Sebastião — DF; Gabriela Rezende Paes, Conselheiro Lafaiete — MG; Geyza Peres Lobato, Pompéu — MG; Giselle Kerscher Rabello Azevedo, Rio de Janeiro — RJ; Ítalo Yuri Torres de Alencar, João Pessoa — PB; Jacklene Maria da Silva, Olinda — PE; Jardinea da Silva Santos, Guarabira — PB; Jefferson Carlos Guedes da Silva Almeida, João Pessoa — PB; João Paulo Valadares Coimbra, Sete Lagoas — MG; Jonathas Batista de Figueiredo, Natal — RN; Juliana Nascimento Magalhães, Ipatinga — MG; Lucas Carneiro Casali, Três de Maio — RS; Luciana Leite Delgado Simões, Poços de Caldas — MG; Luciana Oliveira Belarmino, Nova Lima — MG; Lucina Ferreira de Oliveira, Guarani — MG; Luiz Alberto Piana, Andradas — MG; Luiz Henrique D'Assunção Silva, Bambuí — MG; Marcelo Andrade da Fonseca, São Francisco do Pará — PA; Marcos Henrique da Silva, Dolores do Indaia — MG; Maria Adélia de Melo Coelho Raposo, Recife — PE; Maria das Dores da Silva, Recife — PE; Miriam Messias de Andrade, Carandá — MG; Paola de Azevedo Ferreira, São Gonçalo do Sapucaí — MG; Paulo Josué Fernandes da Luz, Belo Horizonte — MG; Priscila Pena Camargo, Pains — MG; Raquel Castelo de Carvalho, Ceilândia Sul — DF; Rebeca Guedes Jales de Carvalho, Fortaleza — CE; Renata Beatriz Silva, Uberaba — MG; Suzana Vaz Corrêa, Ceilândia — DF; Viviane Aparecida Santos, Resende Costa — MG.

#### SEMIFINALISTAS — UNIVERSITÁRIO

Adão Antunes Santos, Belo Horizonte — MG; Celismar Domingos da Silva, Goiânia — GO; Denilson Soalheiro, Belo Horizonte — MG; Evaldo José Lima de Oliveira, Santa Maria — DF; Flávia Fernando Lima Silva, Campina Grande — PB; Geraldo Moreira Barbosa, Formiga — MG; Glênio Sierra de Alcântara, Abreu e Lima — PE; Helvídio Nunes de Barros Neto, Brasília — DF; Josemar Figueiredo Araújo, Rio de Janeiro — RJ; Kleiton Gonçalves Bezerra Alves, Campina Grande — PB; Leonardo de aula Campos, Cataguases — MG; Lidiane Ferreira Sant'Ana, Belo Horizonte — MG; Maria Helena de Assis Laranjeira Gomes, Núcleo Bandeirante — DF; Nardo Casteano Bonfim Alves, Vera Cruz — BA; Radamés Andrade Vieira, Belo Horizonte — MG; Renato Rocha de Oliveira, Belo Horizonte — MG; Terezinha Almeida Melo Pereira, Pará de Minas — MG.

## OS PRÊMIOS

| 1º Grau                  | 2º Grau                  | Universitário            |
|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| 1º Lugar<br>R\$ 2.000,00 | 1º Lugar<br>R\$ 3.000,00 | 1º Lugar<br>R\$ 8.000,00 |
| 2º Lugar<br>R\$ 1.000,00 | 2º Lugar<br>R\$ 1.500,00 | 2º Lugar<br>R\$ 4.000,00 |
| 3º Lugar<br>R\$ 500,00   | 3º Lugar<br>R\$ 1.000,00 | 3º Lugar<br>R\$ 2.000,00 |

## OS VENCEDORES

Contemplando alunos de todos os níveis de ensino — 1º e 2º graus e universitário — são os seguintes os estudantes classificados em 1º, 2º e 3º lugares, bem como os que obtiveram Menção Honrosa.

#### 1º GRAU

1º lugar: Welton Nogueira, Escola Estadual José Brandão, de Caeté — MG;  
1º lugar: Ludmylla Prates Timo, do Centro Educacional de Ensino de 1º Grau 3 de Sobradinho, Sobradinho — DF;  
2º lugar: Hernani Franca Miranda, da Escola Municipal Jaime Avelar Lima, Santa Luzia — MG;  
3º lugar: Raquel Regina Tito, da Escola Estadual Professor Clóvis Salgado, Belo Horizonte — MG;  
Menções Honrosas: Raquel Marinho Alvinho, de Juiz de Fora — MG; Claudiana da Penha, de Colatina — ES; Sarah Pereira Matos Miranda, de São Francisco — MG; Márcio Almeida Silva, de Sapucaí Mirim — MG e Gabriela Almeida de Lima, de Gama — DF.

#### 2º GRAU

1º lugar: Renato Cabral Dias Dutra, do Colégio São Francisco Xavier, Timóteo — MG;  
2º lugar: Pollyanna Carla da Silva Moreira, da Escola Rafaela Menicucci — Fundação Bouchardet, Guiricema — MG;  
3º lugar: Thaís Fernandes Palhares, do Colégio Magnum Agostiniano, Belo Horizonte — MG;  
Menções Honrosas: Maria Cecília Pereria Cardoso, de Formiga — MG; Anunis Aparecido Antunis, de Couto de Magalhães de Minas — MG; Meline Duarte Lima, de Belo Horizonte — MG e Leilah Sahihi Pezeshk, de Brasília — DF.

#### NÍVEL UNIVERSITÁRIO

1º lugar: Bárbara Martins Lopes, da Universidade Católica de Pernambuco, Recife — PE;  
2º lugar: Cristiano Matos de Santana, da Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, PB;  
3º lugar: André Luiz Duarte Nunes, da Sociedade Educacional Santa Marta, São Lourenço — MG;  
Menções Honrosas: Gustavo R. Agostini, de Brasília — DF; Francisco Eduardo Pereira, de Belo Horizonte — MG; Rogério Gravina Roque, de Piraúba — MG; Fabiano Silva Maria, de Nova Iguaçu — RJ e Marcell Araújo Prado, de Divinópolis — MG.



# O BRASIL QUE PODEMOS FAZER

**BRASIL — POPULAÇÃO: 155.000.000  
HABITANTES  
EXTENSÃO: 8.511.965 KM²**

**WELTON NOGUEIRA**

**Escola Estadual  
Carvalho de Castro, 284**

**Caeté - MG**

**Categoria  
1º Grau**

**Classificação  
1º Lugar**

**É** um gigante, não é? Pois bem. É um dos países mais populosos do mundo. Mas, infelizmente, é um país cheio de problemas que precisam ser solucionados. Dentro deste país existem milhares de pessoas, umas ricas, outras pobres, umas mal sucedidas e outras que, na maioria das vezes, são ricas demais ou seja, possuem muito poder.

Dentro dele são inúmeras as pessoas, as famílias que lutam, sofrem e choram por não poder dar aos seus filhos o privilégio de poder ter um pouco de conforto e um prato de comida todos os dias. Quantos homens honestos, trabalhadores e chefes de seus lares se envergonham de não poder dar aos seus filhos e suas esposas uma vida melhor, porque estão desempregados? Quantas pessoas são brutalmente assassinadas nas ruas todos os dias? Quantos morrem nos leitos dos hospitais todos os dias, por não terem um atendimento médico qualificado? Chacinas, corrupção, favelas inteiras nas disputas pelo tráfico de drogas. Rebeliões nos presídios. Famílias morando debaixo da ponte. E etc. Tudo isso e muitas outras coisas mudam o perfil característico do nosso imenso Brasil. Infelizmente são coisas que mudam a imagem do Brasil lá fora.

Mas, conforme diz o título do texto, nós nos perguntamos: que Brasil podemos fazer?

Nós podemos fazer um Brasil mais honesto, com mais prosperidade, salários dignos, terras para os que não a têm, para poder cultivá-la, e depois dali tirarem o que ela produzir para dar o de comer aos seus filhos, a sua família. Uma saúde qualificada, nos hospitais e nos postos de saúde, diminuindo as longas e demoradas filas de atendimento médico. Uma educação para todos, ou seja, incluindo dentro dela os mesmos direitos para os que não podem estudar, porque têm que trabalhar para ajudar a família para ter todos os dias o alimento necessário em casa. Um saneamento básico que haja e seja essencial à população, com ruas limpas e bueiros limpos para que, quando tiver uma chuva forte, não haja inundações, acarretando mortes e pessoas desabrigadas tendo que recomeçar tudo, de novo, o que seria um duro sofrimento. Mais amor ao seu próximo, pois hoje em dia a violência ocupa grandes espaços tendo que ser solidário com todos que lhe rodeiam e com você próprio.

Semeemos a semente da paz para que do seu fruto saia mais fé e esperança para esse povo sofrido.

Mais redes de empregos para que os desempregados possam trabalhar e ganhar o seu salário todo mês para pôr o alimento dentro de casa e não virar um ladrão, um marginal, o que lhe seria um ingresso para morar dentro de uma cela, o que não seria digno de um homem honesto, trabalhador e de bons sentimentos que enfrenta a vida com cabeça erguida, o que não é fácil, mas sempre se vence.

Um sistema carcerário mais renovado, para que os presos tenham seus direitos respeitados lá dentro, pois apesar de não terem feito coisas certas, eles são seres humanos e que merecem uma segunda chance para se regenerarem, porque ao dizermos que não, que eles não merecem, devemos ter a digna e correta consciência que ao dizer isto, devemos pensar no dia de amanhã, pois um parente, ou um membro da família pode se tornar um marginal e talvez não tenha essa chance. Mas se eles desperdiçarem esta nova chance, somente Deus pode se ocupar deles.

Um político sério, que apresente resultados ao seu povo para que este confie mais nele para que o Brasil dê vários passos adiante. Que no futuro o Brasil seja reconhecido, mundialmente, como a melhor nação do mundo.

Que os brasileiros preservem a vegetação que possuem, a fauna, a flora, seus rios, principalmente, parando de poluí-los, porque sem água não se pode viver e o ar, poluído como está é que não pode ficar. Que nossa cultura seja preservada, nossos costumes respeitados. Que a união se estabeleça em todos os cantos do país, unindo todos numa paz duradoura.

As crises sendo combatidas sem desânimo. Este é o Brasil que podemos fazer agora.

O Brasil fará 500 anos de seu descobrimento. É preciso ser redescoberto. Precisa mostrar ao mundo seus valores, seus talentos escondidos, precisa fazer as reformas que todos nós precisamos. O Brasil é grande e possui muito valor. O povo também. Nós não precisamos de mais 500 anos para mudá-lo. Podemos começar agora. Agora e sem tréguas. Precisamos acordar de um pesadelo que dura há anos.

Acabando com a discriminação racial, que é uma coisa fútil, porque todos nós somos iguais, feitos de carne e osso e não de ferro. Só porque alguns são de pele escura é que têm que serem tratados como animais? Não. Animais não. São gente.

Gente que merece respeito, seja de que cor for. Se é um país tão grande, com tantas terras, por que tem tantas pessoas que não a tem? Será que é tão difícil dividi-lo para os que não a tem? É tanto sofrimento junto que dá até pena ver.

A falta de água é angustiante. A seca do Nordeste é um dos exemplos mais tristes disso que são mostrados pela televisão, ouvimos nos rádios, e lemos em jornais e revistas. Lá não é a falta de terra não. É da água. Uma água necessitada para beber, irrigar plantações e para tudo que é utilizada. Gente sofrendo por uma gota de água para matar a sede, pessoas indo para as cidades, algumas morrendo, outras lutando para o governo dar uma ajuda que fosse. E não é só a água. É a fome. Porque sem água as plantações não se desenvolvem. E não desenvolvendo não produzem alimentos. O governo sempre manda cestas básicas. Mas isto não é suficiente. A solução talvez no meu modo de entender seria a de perfurar poços artesianos para dar água à população do Nordeste. Este assunto faz parte de um Brasil que podemos fazer. Porque não podemos fazer um Brasil melhor contendo ainda esse problema.

A miséria é uma das coisas que mais tem que ser combatida. É duro ter que ver crianças, idosos e muitas pessoas passando fome, morando debaixo da ponte, pegando todo tipo de doenças. Também é triste você perguntar a um garoto a seguinte pergunta:

— Garoto, você comeu alguma coisa hoje?

E ele lhe responde uma triste e sofrida resposta:

— Não. Porque papai tá desempregado e não pode comprar comida.

Isto é uma suposição. Mas é também um exemplo, uma verdade verdadeira que acontece no Brasil. Enfim, hoje em dia é assim mesmo. Sofrimento pra tudo quanto é lado. Nós podemos fazer um Brasil ao contrário do que é hoje. Nós não estamos sozinhos nisso. Contamos com a ajuda de Deus, da nossa força de vontade e de nossos bons sentimentos. Começemos agora e só paremos quando tivermos terminado a obra que depois de terminada pode se tornar realidade. Temos que ser otimistas, porque muitas vezes o futuro marca encontro e não comparece.

Um Brasil sorridente. Um Brasil forte. E um Brasil renovado. Por fim, se na vida muitos não têm motivos para sorrir, nunca podemos dar aos outros motivos para chorar, pois quem ama sofre, quem sofre luta e quem luta, se Deus quiser, sempre vence na vida.





**LUDMYLLA PRATES TIMO**

**Centro de Ensino de  
1º Grau 03 de Sobradinho**

**Sobradinho - DF**

**Categoria  
1º Grau**

**Classificação  
1º Lugar**

# O BRASIL PODE SER O MAIOR PAÍS DO MUNDO

**O** Brasil é um país abençoado, cheio de riquezas que ainda não foram apreciadas, riquezas que pelo povo europeu não foram exploradas, riquezas que por nós, povo brasileiro, ainda não foram conhecidas.

A nossa pátria possui várias maravilhas que não são valorizadas como deviam ser. Essas se dividem em dois grupos: as das riquezas naturais: florestas, matas, rios e outros. E no grupo da riqueza do povo: a alegria, a criatividade e a sabedoria que somente nós, brasileiros, possuímos. Somos um país de samba e de folia, temos o carnaval que nos marca por sermos festeiros. Gostamos de todos os esportes, mas o que se destaca é o futebol.

Podemos tirar de nossa terra o próprio sustento. Somos um país tropical, aqui, tudo o que se planta colhe-se. Temos cinco regiões geoeconômicas, cada uma com suas qualidades, e juntas formam um lindo ciclo de vida produtiva.

## REGIÃO NORTE

É a maior de todas, porém a menos populosa, pois é nela que está "o pulmão do mundo" (a Floresta Amazônica).

Foi nela que os índios, na época da colonização, se refugiaram dos europeus, e é por esse motivo que hoje o maior número de índios existentes no Brasil está lá.

A salvação do Brasil está na região Norte, a maior jazida de ouro do mundo encontra-se em seu território.

## REGIÃO NORDESTE

Foi a mais prejudicada pela colonização. Neste período seu solo foi muito desgastado. É por isso que hoje é a região mais pobre, a seca a castiga anualmente, o sol mata todas as plantações e o povo que lá habita não tem trabalho e nem o que comer.

Através dela fomos descobertos, foi lá que chegaram as caravelas de Cabral. Nossos costumes, tradições, danças, comidas e religiões nasceram lá e pelo país se espalharam.

## REGIÃO SUDESTE

É a região mais desenvolvida do país, foi lá que surgiram as primeiras indústrias, faculdades, bancos, ferrovias e luz elétrica. Dos cinco estados mais civilizados, três estão lá.

## REGIÃO CENTRO-OESTE

É nela que se encontra a capital do Brasil, o maior centro político está aqui. No restante de seu território pratica-se a pecuária.

## REGIÃO SUL

A região mais bonita de todo o país é reconhecida como uma região de primeiro mundo por ser muito limpa, bem cuidada e acima de tudo tem uma ótima qualidade de vida. Deveríamos seguir seu exemplo.

Mas um país tão rico e tão belo, por que se destacam a pobreza, a miséria e o analfabetismo? No país de impostos mais

elevados do mundo não se investe na educação, no trabalho. "Não sabemos para onde vai tanto dinheiro arrecadado do pobre."

Se investíssemos na educação, na produtividade de terras improdutivas e no trabalho, ao menos teríamos vida digna.

Temos que abolir a violência, o trabalho infantil, o desmatamento e o principal: o tráfico de drogas. Imagine o Brasil sem todos esses itens citados! Assim a violência não mais atormentaria, teríamos paz e quem sabe até ar puro! Mas não podemos deixar esta nação só na imaginação, temos que colocá-la em prática, precisamos pensar alto, pensar no amanhã. Que pátria pretendemos deixar para nossos filhos? Será que queremos que eles nasçam em um lugar onde não há incentivo ao estudante, onde tudo é corrupção, onde as pessoas vivem livres, mas trancadas com medo de serem mortas por balas perdidas, ou por assaltantes, onde não se respira oxigênio, mas substâncias químicas, onde pessoas morrem por não terem um sistema de saúde digno? Temos que reverter essa situação.

Somos um país onde existem várias raças, temos os negros que eram escravos, o branco que nos colonizou e o índio que aqui foi encontrado. A mistura dessas raças dá o caboclo, o mameluco, o cafuzo e o mulato, ou seja, a raça brasileira.

Com defeitos e qualidades esse é o meu Brasil. Tenho orgulho de dizer: "Eu nasci aqui, sou brasileira".

# O BRASIL QUE PODEMOS FAZER

**HERNANI FRANCA MIRANDA**

**Escola Municipal  
Jaime Avelar Lima**

**Santa Luzia - MG**

**Categoria  
1º Grau**

**Classificação  
2º Lugar**

**O** Brasil está comemorando 500 anos. Parabéns por estar vivo! E o que mudou na sua história, o que podemos comemorar se esses 500 anos não foram suficientes para conseguirmos liberdade, dignidade e respeito?

O Brasil tem tudo que precisa para crescer e mudar, tem o verde de suas matas, o amarelo do seu ouro, o azul do seu céu, as cores da mistura de suas raças, tem a força dos braços dessa gente, tem a luz da inteligência de cada um de nós, a coragem da nossa luta e a poesia dos nossos sonhos. E o que temos feito para mudar esse país tão bonito, de tamanha grandeza e inestimável riqueza? Nada! Temos ficado inertes diante de tantos problemas, mas podemos

mudar, nunca é tarde para iniciarmos um processo. O Brasil que podemos fazer depende de cada um de nós com o trabalho, com as idéias, mas com um só sonho, o sonho da mudança, do desenvolvimento, do bem comum, da igualdade social, depende da união, da participação e integridade do povo e governo.

O Brasil já foi menino, agora, já cresceu e se tornou um gigante, mas está doente e precisa de cuidados e somente a união de todos poderá curá-lo de seu mal, pois somos o esteio, as raízes desse gigante que não pára de crescer. Nossas crianças, nossos jovens querem um país de cara nova, sem violência, sem fome, sem descaso.

Como sou ainda muito jovem, só posso

contar com a esperança de que o governo não se esqueça de que vivemos num país democrático, onde temos o direito de falar aquilo que sentimos e de cobrar aquilo que achamos correto. Que todo brasileiro se interesse mais pela vida política de cada governante e não vote só por obrigação e dever, mas que vote por consciência, por interesse de que seus escolhidos sejam pessoas sinceras e corretas, que seu passado político seja um sinal de promessas verdadeiras. Que o governo jogue limpo com o povo, dissipando assim a poeira suja que paira sobre o país, que se trabalhe com honestidade e sabedoria, para que ele cresça, para podermos fazer através de tudo isso um país melhor para todos.



# O BRASIL QUE PODEMOS FAZER

**A**s condições de vida dos trabalhadores brasileiros têm se agravado nos últimos anos, principalmente após a forte elevação das taxas de juros, isso vem se traduzindo em aumento explosivo do desemprego em todo o país, especialmente nas regiões metropolitanas, o desemprego é recorde e crescente, e todas as análises conduzem para a conclusão de que, além de seu crescimento conjuntural, ele permanecerá estruturalmente elevado por muitos anos; este fato aponta para a necessidade de se ampliar as medidas de garantia de renda dos desempregados, para reduzir o sofrimento humano causado pela tragédia da perda do emprego para aqueles que têm como seu trabalho sua forma de sobrevivência.

Uma das soluções seria a criação de um órgão, o CAD (Centro de Amparo ao Desempregado), que pudesse suprir e orientar essas pessoas, criando assim uma nova política para o seguro-desemprego, aumentando o número de parcelas no mínimo para oito meses, que é o mínimo que um desempregado fica à procura de emprego, oferecer cursos de qualificação, de formação profissional em seus devidos estados, para que assim possam ter, pelo menos, a dignidade de estarem devidamente qualificados às suas respectivas profissões.

Projetos que dão prioridade ao desempregado que sustenta família, assim como ajuda de custo mensal no orçamento familiar, como conta de energia elétrica e água, a necessidade da doação de cestas básicas que já é um grande feito e necessidade humana.

*\*Tempo de procura de emprego.*

*\*47,9% das pessoas procuram há mais de 6 meses*

*Fontes: Dieese, Seade, FEE, Codeplan*

O Brasil tem cerca de 83 mil tuberculosos. De acordo com o Ministério da Saúde, todo ano são distribuídos lotes de remédios, que atendem à demanda de cada Estado. No Rio de Janeiro esses remédios são armazenados em Niterói e distribuídos pelo Departamento Geral de Insumos Básicos, órgão ligado à secretaria do Estado. Certa emissora de televisão teve acesso aos relatórios que comprovam o desperdício de dinheiro público. De acordo com esses documentos, só nos últimos seis meses, cerca de 12 milhões de comprimidos para o combate à tuberculose perderam a validade antes de serem distribuídos. Um prejuízo que chega a mais de 8 milhões de reais. Foi constatado que alguns galpões vistoriados por técnicos, no local conhecido como Casa Mata, várias caixas estavam empilhadas, todas com remédios fora do prazo de validade. Alguns destes remédios são para o combate à Aids, à toxoplasmose, ao diabetes e principalmente à tuberculose. No outro galpão, o remédio Nonoxinol, encontrado em grande quantidade perdeu validade em maio deste ano. Há exatos dois anos o governo comprou o Nonoxinol com preço superfaturado e em excesso, repassando-o aos Estados.

Além da falta de recurso, que é um fato grave que existe, ainda temos situações que configuram o desperdício de dinheiro público, além dos remédios, dois freezers planejados para armazenar os medicamentos que precisam ser resfriados, estão há dois anos fechados e sem uso, "motivo", no projeto que deve ter custado milhões, esqueceram de incluir a subestação de energia para o freezer.

Alheios a esta briga, vários brasileiros, como os 14 milhões de idosos que necessitam desses medicamentos, como esses re-

médios, ficam amontoados para serem destruídos; um dos argumentos para justificar a crise na saúde pública é a falta de recursos. Com a Constituição Federal de 1988 criou-se o SUS (Sistema Único de Saúde). Um sistema criado para garantir atenção à saúde de todo e qualquer cidadão, seja na rede pública ou conveniada, mas ao passar do tempo estamos percebendo que o sistema apresenta falhas como esta.

*Constituição Federal de 1988. Título VIII capítulo II seção II.*

*Art. 196. A saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visam à redução do risco de doenças e de outros agravos e o acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação.*

O Brasil apresenta vários problemas sociais e econômicos, mas mesmo assim temos que ter fé que dias melhores virão, porque o povo brasileiro já sofreu muito com a desigualdade política e crises maiores e mais conturbadas do que todas essas, e nem por isso deixamos de ser brasileiros; pois somos todos filhos deste solo brasileiro e gigante pela própria natureza. Terra adorada, entre outras mil, és tu Brasil, o meu lugar, o teu lugar, o som do mar e luz do céu profundo de um povo heróico, o sol da liberdade brilhou no céu da pátria nesse instante, mas se ergues da Justiça a clava forte, verás que o filho teu não foge à luta, nem teme, que adora a própria morte, Brasil de amor eterno seja símbolo, o lábaro que ostentas estrelado, e diga o verde-louro desta flâmula — paz no futuro e glória no passado, a nossa pátria amada Brasil.

## BRASIL, PÁTRIA DE TODOS OU TERRA DE NINGUÉM?

**F**im de tarde... o sol já se põe no horizonte e contrasta com as montanhas e o céu azul-escuro. Vê-se no estrelado manto o Cruzeiro resplandecente, uma visão fantástica que fulgura minha mente e a enche de inspiração. Sentia algo dentro de mim, não uma coisa qualquer, mas algo de valor infundo e que despertava meu amor ao Brasil profundamente, fazia pulsar meu coração e brilhar meus olhos sedentos por uma visão de um país melhor... povoa meus pensamentos esta energia positiva. Extasiado, fecho os olhos e aquela inspiração passa a fluir por meu corpo, fazendo parte do meu ser. Adormeci...

"Há alguns séculos atrás, nas mais altas esferas celestiais, os seres de luz das orbes superiores se reuniram para discutir o futuro da Terra e de seus habitantes. Estavam decepcionados com os rumos que os homens europeus tinham dado ao mundo: guerras, ambição, materialismo... uma errada interpretação dos ensinamentos do mais importante ser de luz, encarnado na Palestina. Essa terra escolhida pelo mesmo conselho em épocas muito anteriores não conseguiu que os filhos do seu chão difundissem os ideais de paz, união e amor a que foram predestinados e assim, diante da exaustão da Europa

e Terra Santa, os sábios seres de luz resolveram escolher um novo lugar além-mar onde uma nova civilização se ergueria pela fusão de todos os povos e baseada em seres de almas purificadas que transportassem a luz celestial que iluminaria o caminho das mensagens sagradas. Seria uma terra rica, bela, um paraíso de belezas naturais e almas purificadas onde brotaria a semente de uma nova era. Fora esse recanto escolhido para ser o coração do mundo espiritual e material, geograficamente pulsando... aguardava a construção da Pátria de Todos, uma terra sagrada abençoada pelo Cruzeiro celestial..."

**RAQUEL REGINA TITO**

**Escola Estadual  
Professor Clóvis Salgado**

**Belo Horizonte - MG**

**Categoria  
1º Grau**

**Classificação  
3º Lugar**

**RENATO CABRAL DIAS DUTRA**

**Colégio São Francisco Xavier**

**Timóteo - MG**

**Categoria  
2º Grau**

**Classificação  
1º Lugar**





Fora isto um sonho, um sonho real que povoou minha mente por algum tempo após acordar. Tendo levantado e debruçado sobre a janela, observo o céu ainda dominado pela escuridão da noite e noto que cinco estrelas chamavam muito minha atenção. O Cruzeiro do Sul! Aquela imagem linda me fez refletir sobre meu sonho. Será que foi uma mensagem de um ser de luz, da Verdade? Por que recebi essa mensagem? Por que o lábaro do Cruzeiro ofuscava meus pensamentos?... Percebi no céu, pelas estrelas, que esta Pátria de Todos, nova terra da propagação das mensagens sagradas, era o Brasil. Não sabia como, mas sentia isso, meu coração dizia. Precisava refletir sobre a mensagem...

"Terra à vista!" O santuário fora escolhido, era aqui que todos poderiam reunir-se pela cultura e terem mais uma vez a chance de recomeçar. No entanto, não era suficiente só um luar, era preciso edificar uma raça, a gota que limparia todo o mal do planeta e nos ensinaria o que é viver. Pois eis que a civilização branca, guardiã da sabedoria, das técnicas e ao mesmo tempo da corrupção moral que a deserdou veio para guiar os seres iluminados, puros, índios cuja coroa era o cocar e que armazenavam a semente de uma nova era. Vi lá, em harmonia com a floresta, em canto, dança, caça e pesca, respeito à criação de um Deus maior. Vi lá, sabedoria em minha gente não letrada e Jaci a iluminar a madrugada, anunciando a todos a chegada da civilização. Os dois seres antagônicos, raízes da alma de um povo se viram unidos, fundidos. Sorriam os deuses, ou será o Deus? Seja Tupã ou não, estava ele abençoando tal união.

A fusão que chegaria a formar nosso povo só se completaria quando o fruto dos guerreiros de pele dourada e dos pálios do Velho Mundo se mesclassem com os de pele negra. Oxalá... o ébano trazido da África foram os olhos e os braços do nosso país, os ombros, as costas e as pernas que os fariam andar. O ventre, resistente pelo trabalho, viu sair das suas entranhas a imensa população mestiça, mistura de brancos, índios, negros, todos. Seus seios pretos, antes fartos, agora amamentavam, secos, a pátria...

Outros seres, provindos das mais diversas regiões, como corsários, aventureiros, negociantes e ladrões, invasores dominados pela ganância e maldade, inconscientemente contribuíram para a mistura de cultura e espíritos, transformando a terra idealizada na Pátria de Todos os Povos.

"Compreender e difundir as mensagens sagradas..." esta é a nossa missão. A incompreensão das palavras dos seres de luz por parte dos primeiros escolhidos acaba por provocar o desentendi-

mento entre eles. As lágrimas que escorriam dos céus figuravam entre as tristezas dos deuses, que não conseguiram se unir em um só. Os europeus, guias das almas puras, deturpavam novamente tais palavras. O ódio começou a dominar a todos: matou Tupã, prendeu e fez Oxalá sangrar, arrancou a consciência de Cristo... O coração do planeta palpitava e não havia um marcapasso para o socorrer. Os artistas, tristes, passam a retratar um mundo diferente, um país descontente com o seu destino, suplicante pela ajuda de seus filhos. Queria viver! Quer viver!

Tudo parecia propício para a propagação das mensagens sagradas; apenas um detalhe interrompeu o processo: éramos uma nova raça, mas continuávamos a ser humanos. Queríamos dominar todos os destinos com as nossas próprias mãos, guiar individualmente nossas vidas esquecendo todos os nossos deveres de união entre os povos. Éramos falhos e mais uma vez erramos e pelos séculos os erros foram se acumulando através das gerações, tomando proporções alarmantes e culminando com o caos atual. Estamos hoje num campo de batalha, numa guerra contra nós mesmos e onde não há vencedores. A ambição e incompreensão pelo próximo só nos leva a perder cada vez mais a paz que devíamos semear. É uma batalha cruel em que existe apenas o ser humano, o mesmo em todas as catástrofes, frágil, aflito e necessitado, e que, ainda assim, encontra forças para sorrir mesmo tendo seus direitos arrancados por mãos disfarçadas sob as máscaras de governantes.

Nossa nação se vê tomada pelo comércio ambulante e uma economia informal, fruto de uma exploração injusta que provocou e provoca imensa desigualdade social. Por que tínhamos que realizar um desenvolvimento tão desigual? Por quê? Estamos corroídos por dentro; não temos o coração fraterno cheio de amor e esperança. Encontramo-nos doentes, possuímos um sistema de saúde que mais parece doença pública. Vemos nossos irmãos morrerem de fome, de ódio, tristeza... por quê? O que fizemos? Onde erramos, por que transformamos a "Terra Prometida", a escolhida para ser a nova "Terra Santa", em "Terra de Ninguém"? Sem dono, sem leis, sem coração... um mundo desumano. O Brasil é dominado por poucos, ricos que se banqueteiam à custa dos pobres e criam no paraíso infernos cotidianos...

É sabido unicamente que o caminho percorrido até então não fora o correto. O povo brasileiro precisa mudar o seu modo de ser e agir, fazendo brotar de dentro de cada um anjos da verdade para fazer surgir a consciência nacional, a consciência da raça-mãe da construção do Brasil do próximo milênio. O

alvorecer de uma nova era só será possível quando assim estivermos, confiantes e em paz uns com os outros... somos todos irmãos; mesmo que pensando de forma diferente, possuímos o mesmo pavilhão a nos abençoar. Devemos ultrapassar os obstáculos da ignorância e adquirir as riquezas do conhecimento. Sendo um povo de paz, precisamos ir em busca de preservar a integridade do ser humano, não repetindo os mesmos erros e buscando em cada geração um indivíduo mais evoluído, mais perto da perfeição. O futuro, aquele previsto nas altas orbes quando fora folheada a história do planeta, está nos olhos dessa nova geração, a luz que bailarará no terceiro milênio de forma harmônica e simples. São as nossas crianças essa luz e olhos de alegria e felicidade... e a forma de conduzi-las a este futuro é através da educação, o único meio de torná-las seres detentores da riqueza do saber que guiará de forma correta o Brasil que podemos fazer e tornando o sonho realidade através da renovação brasileira.

Mostremos, por fim, que nossa terra não é apenas uma nação, é um coração que pulsa forte, uma mãe gentil que cresce a cada dia na certeza de que seus filhos não fugirão da luta em busca de que esse mundo seja um lugar mais digno de se viver; e o coração desse filho, do povo brasileiro, é o próprio coração terno da pátria, uma mistura de raças planejadas nas mais altas esferas celestiais para ser a luz, alegria e a essência do planeta, a verdadeira Pátria de Todos.

Já se vai no céu o Cruzeiro abençoado e se avista no horizonte os primeiros raios de luz. A aurora mantém viva a chama que sustenta meus pensamentos e me acorda para a importante tarefa de edificar um novo país. É preciso despertar esta consciência do que realmente significa ser brasileiro...

Da janela posso ver o nascer de um novo dia. Os lindos campos verdejantes, águas infindas que se fundem com o céu azul num terno beijo anil, a riqueza que desperta o avanço cultural e o povo fantástico que habita essas belezas, o eterno Dom Quixote que as guia; isso é o Brasil! Façamos com que esta janela sirva de passagem para um novo mundo e que esta aurora se torne o nascer do novo dia pelas mãos da nova geração.

Brasil! Tu já não és mais um menino e, seguindo o meu destino, seja por onde for, vou te redescobindo a cada dia na grandeza do teu povo e do teu solo promissor... Oh! meu Brasil! Sonhei que o Senhor havia nos dado a mão, que havia ordem, progresso e perdão, com um ser de luz a iluminar... e hoje eu canto "Oh! pátria amada, me envolvo em teu manto!" por esta terra sem donos e sem leis, para ver o sonho que sonhei...



# O BRASIL QUE PODEMOS FAZER

**A**s frustrações que nós brasileiros temos sofrido com o sistema de governo têm-nos levado a viver uma situação esdrúxula, um misto de paranóia e de euforia negativista. Paira no ar um sentimento de fracasso. Aturde-nos o peso de um pacto para destruir a nossa auto-estima. E a dignidade é-nos essencial para não nos anularmos na aceitação do servilismo.

Mas, destarte todos os problemas que se nos afligem, precisamos crer que podemos construir uma nação melhor, quicá poderosa. Não só crer como também lutar para que tal aconteça. Até bem pouco tempo, as notícias mais divulgadas sobre nós exibiam-nos como um povo dócil, resignado e submisso, além de tolerante, hospitaleiro e religioso. Inteligente, mas fácil de ser enganado. Fácil de se deixar conduzir quando tocado nos seus sentimentos mais profundos.

Entretanto, no final de 1992, esse povo saiu às ruas de cara pintada, congratulando-se com o processo democrático que promoveu a queda de um presidente corrupto. E, daí para cá, a consciência do brasileiro recebeu um fomento novo. Está mais liberta dos mecanismos que provocam a letargia coletiva. Veio corrigindo-se de comportamentos sebastianistas. Isso nos conscientiza de uma atitude concreta que é a construção de um país melhor.

O Brasil que podemos fazer começa com a sedimentação da consciência coletiva. Na organização do país, há que organizar a nós mesmos; depois a família, a escola, a comunidade. Um país não se faz com heróis isolados e idolatrados, mas com gente que busca realizar um projeto de vida. E, para que tal aconteça, precisamos resgatar a nossa identidade e construir a nossa cidadania. A identidade que exibimos nos foi imposta. Por isso, às vezes, é bizarra. Criada há cinco séculos, impediu que nós enxergássemos a nossa potencialidade. Assim, um dos nossos passos para melhorar o nosso país é conhecer a nossa história. É primordial entendermos a dicotomia entre o grupo que detém o poder, o saber e a riqueza econômica e o outro que trabalha na construção disso tudo. Essa conscientização é um bom ponto de partida

para a criação de condições para uma existência democrática. Só assim a democracia sairá do pântano das bocas e dos discursos demagógicos para transformar-se em um exercício diário.

O país que podemos construir há de ser uma soma de homens libertos em sua plenitude. Libertos até para escolherem a democracia como política de conduta. E esse tipo de homem há que ter todo um somatório de uma cultura de vida, adicionada à propedêutica. Há que ter o autodidatismo aliado ao convencionalismo que a tecnologia moderna requer para o mercado de trabalho. Registremos, pois, que um país se faz com educação e respeito às culturas individuais. Antes de mais nada, faz-se com zelo para com a saúde, com a alimentação e a moradia decentes, sem os quais cultura alguma resiste e nenhuma aprendizagem se realiza.

Para construir um país há que ter seriedade, respeito, trabalho para todos e salário digno. Um país se faz com o direito de escolher o pão de cada dia. Jamais se faz com a vassalagem de abrir a garganta à força e engolir o mísero alimento de sua escola camuflada de cesta básica, mormente quando ela é um presente impudico de falsa generosidade do patrão.

Para construir um país há que ter a verdade servida como o prato principal em cada mesa. Há que ter o exercício da justiça e a prática da fraternidade. Há que ter um programa de distribuição de rendas mais justo, para que diminuam as desigualdades de vida, e vida plena para todos. A violência é a resposta dos desprovidos de bens — materiais e espirituais — aos senhores da “casa-grande” que ainda teimam em dirigir a “senzala” com o privilégio de uma ordem estabelecida pelo capitalismo.

Podemos fazer um país melhor, antes de tudo, sabendo votar. E trabalhar junto, em coletividade. Os que querem contribuir terão algo para oferecer. Aliás, ninguém caminha se não tem algo de positivo para doar aos companheiros de viagem. Um país não se faz com mãos retidas, faces emurchecidas de desesperança, bocas cailadas ou palavras amarelas de medo. Um

país não se faz com crianças revirando um monturo de lixo à cata de comida, nem com idosos morrendo em filas de hospitais, sem remédios, sem leite, sem o humano direito de quedar-se em um abrigo.

Urge que construamos um país agora, já que as estruturas políticas deste estão desabando. E é bom que desmoronem mesmo, para que algo mais sólido e justo seja edificado. A cidadania não deve ser privilégio dos “senhores de engenho” ou dos empresários. Lobo e cordeiro não pastarão juntos como na prática sonhada pelo profeta Isaías, mas o dinheiro não pode continuar sendo usado para a opressão. Índios, negros, camponeses, trabalhadores da terra, operários, pobres e miseráveis não podem continuar sendo golpeados pela espada mortal da ambição.

Sem dúvida, podemos fazer um país mais humano, mais alegre com o agradável exercício da tropicalidade com que Deus nos presenteou. Com a sensualidade, o cheiro, o som e o ritmo da alma brasileira.

Podemos fazer um país com um Legislativo confiável. Com políticos honestos, de atuação transparente. Com a revisão e a atualização dos códigos para que a implantação da justiça tenha procedência e imparcialidade.

O Brasil que podemos fazer não exige sangue a correr nas ruas; exige sangue a correr nas veias para impulsionar um coração cheio de força jovem. Não exige lágrimas de sofrimento, mas de felicidade diante da vitória de um atleta. Não exige o ruído de uma bala perdida que paralisa um corpo; mas o ruído das cachoeiras nas matas conservadas e respeitadas. Não exige a morte de heróis, mas a alegria do homem comum que ama e é feliz. Do Oiapoque ao Chuí, o nosso país se faz com um bom brasileiro, quando ele tem voz e tem vez, quando ninguém lhe massacra os seus reais propósitos de vida, a sua vontade de ser feliz. Que vençamos ao pacto dos que querem ser donos absolutos do Brasil! Tomemos cada um de nós a parte que nos cabe nesse empreendimento. Não nos afastemos desse compromisso para que a nação seja a grande Pátria.

POLLYANNA CARLA DA SILVA

Escola Rafaela Menicucci -  
Fundação Bouchardet

Guiricema - MG

Categoria  
2º Grau

Classificação  
2º Lugar

THAÍS FERNANDES PALHARES

Colégio  
Magnum Agostiniano

Belo Horizonte - MG

Categoria  
2º Grau

Classificação  
3º Lugar

# O BRASIL QUE PODEMOS FAZER

**B**rasil... Onde está o brado heróico e retumbante, de um povo vencedor? Já procurei às margens do Ipiranga e não o encontrei...

E estes raios de sol, dos quais nos escondemos atrás de nossos óculos “made in

USA”, Não seriam os raios daquele sol da liberdade que brilhou no céu de uma pátria tempos atrás?

O direito da liberdade ainda é nosso, mas será que o braço antes forte, está fraco demais para segurá-la?

Onde está minha pátria amada e idola-

trada?

Será que é apenas um sonho intenso, ou será um raio vívido este céu risonho e límpido no qual a imagem do Cruzeiro resplandece?

Onde está este gigante, belo e forte país, que tem um futuro de grandeza?





Se eu permanecer deitado em meu berço esplêndido, este paraíso continuará sendo um futuro distante...

É hora de iluminar o sol do Novo Mundo!

E não adianta pensar em idéias mirabolantes, querer recomençar o que já está feito, mesmo porque entre erros e acertos passaram-se 500 anos, que não podem ser simplesmente deletados como um velho arquivo.

Mas é importante entender que, da-

qui para frente a responsabilidade é nossa, e que o destino desse país só depende de nós. Porém de nada isso adianta se não amarmos nossa terra, se não formos patriotas, e é como patriotas que devemos ir às urnas e votar em nossos representantes.

É também como patriotas que devemos enfrentar a corrupção, o descaso e a difamação.

E como heróis faremos que ouçam o

nosso lado retumbante, e não nos apegaremos diante das grandes nações.

Sem medo sairemos ao encontro do sol da liberdade, e juntos nossos braços fracos se tornarão fortes.

E através da educação veremos nossos erros do passado, impedindo que se repitam no presente.

Podemos fazer um Brasil dos sonhos, mas disso depende um povo de verdade, um povo com orgulho de ser brasileiro!

# RECADO À POSTERIDADE

BÁRBARA MARTINS LOPES

Universidade Católica  
de Pernambuco

Categoria  
Universitária

Classificação  
1º Lugar

Aos meus descendentes,

**R**efiro-me a vocês com o carinho de uma avó (ou quem sabe bisavó), velhinha, contadora de histórias. Tenho a consciência de que muitos não conhecem nunca chegarei a conhecer. Por essa razão, decidi retornar aos meus tempos de juventude, deixando assim um testemunho da minha época. Nas próximas linhas, retrocederei ao passado, vivido por mim, como se fosse o agora. Dessa forma, quero esclarecer que usarei verbos no presente. Retratarei — pelo menos irei tentar — todas as lembranças da juventude, tão complexa e por assim dizer tão linda de ser vivida e idealizada.

Hodiernamente, vivo num tempo de mudanças e incertezas. É virada de milênio. A maioria das pessoas deseja um mundo melhor, semelhante, quem sabe, ao paraíso bíblico. Entretanto, estão tão absorvidos em seus trabalhos e na “corrida contra o tempo” que deixam o presente passar como que despercebido. Vivo num século em que inventaram a geladeira, o freezer, a máquina de lavar roupas, a secadora, a máquina de lavar louças, o fogão a gás, a incrível televisão, o microondas, a panela de pressão, o CD player, o relógio de pulso, e tantas outras coisas que aticaram a imaginação e os sonhos de consumo de muitos. Receio em falar todas essas maravilhas da minha época... Será que ainda existem na de vocês? O século XX, entretanto, também está sendo palco das mais variadas tragédias; se quiserem, podem, a qualquer momento, conferir em qualquer um dos livros da História da Civilização.

A civilização do meu tempo passou por duas grandes guerras mundiais. Nunca houve tanta comida, mais 800 milhões de pessoas ainda passavam fome ao mesmo tempo. As autoridades competentes organizaram uma comemoração aos 500 anos do Descobrimento do Brasil, concretizada por Pedro Álvares Cabral (como afirma a História oficial), apesar de excluírem os atores principais: os índios, os primeiros donos desta “terra brasilis” e outros repre-

sentantes da atual sociedade, as camadas marginais, os sem-terra, os sem tempo, os sem trabalho...

Paralelo a esse evento, somos uma nação jovem e as comemorações dos 500 anos do Brasil podem representar a grande oportunidade para desvendarmos nossa identidade. Podemos — e devemos realizar uma comemoração própria. Um evento pessoal em que possamos romper com a hegemonia e a ideologia lacunar da classe dominante que retarda o conhecimento e esconde as intenções predominantes, retirando a autenticidade do nosso país e da nossa existência.

Há muito o que percorrer. O novo século espera a todos os que vivem na mesma época que eu. Um país melhor, como seria feito? De homens e de livros, como afirmava o ilustre escritor Monteiro Lobato? De idéias e sonhos? Sim, um mundo que deve ser melhorado desde já. É preciso arregaçar as mangas, analogamente à construção de Brasília, a capital do Brasil no meu tempo. A caminhada será dura, mas necessária. Afinal, qual caminho é repleto de rosas, sem obstáculos?

Para a prosperidade e felicidade do nosso país, deve-se ter em mente que a mudança exige partir de setores como a educação, a saúde, o emprego, tão primordiais mas, ao mesmo tempo, tão esquecidas pelas autoridades. É sem fim o número de crianças que perdem suas infâncias em meio aos canaviais, privando-se, conseqüentemente, do estudo. Caso semelhante ocorre com os doentes; chegam muitas vezes em estado crítico mas, por falta de médicos, não podem ser atendidos. Entretanto, a cada ano a quantidade de formados em Medicina e Direito só aumentam. Para onde vão tantos médicos? E os advogados? Onde estariam eles, quando são necessitados pelos acometidos de alguma enfermidade ou pelo fato de alguém necessitar urgentemente da Justiça?

É também desconcertante o número assustador de desempregados que cresce a cada dia, diante dos olhos de todos. A maioria perde seu posto para máquinas. Mas afinal, o objetivo delas não seria o de

minimizar os esforços dos trabalhadores? O contágio dos tempos modernos fez com que fosse mais vantajoso trocar vinte operários por uma simples máquina, que faria todo o trabalho, que não reclamaria do emprego, que pouquíssimas vezes estaria doente... Seria assim, tão friamente, que a máquina ocuparia por completo o emprego antes destinado aos homens? Charles Chaplin foi feliz em sua crítica aos Tempos Modernos. Infelizmente, muitos ainda não despertaram para isso. Modernidade sim, mas valorizando a competência e a inter-relação — é indispensável à dignidade do homem que trabalha.

A violência é outro ponto que deve ser emergido à análise. É comum em nosso cotidiano avistar assaltantes que, ou são desempregados desesperados, ou realmente marginais, assaltando de maneira vil transeuntes pelas ruas movimentadas. Muitos, é bem verdade, usam dessa estratégia com o intuito de arrecadar dinheiro para alimentar a família. É claro que essa é a pior maneira para sobreviver.

Meninos abandonados dormem nas ruas gelidas; crianças ainda em formação tornam-se pais e infiltram-se no crime. Tentam assim sobreviver à efemeridade da vida e à ingrata situação por eles vivida. Políticos corruptos são cada vez mais comuns na vida atual. Isso também deve ser levado em conta para a mudança geral e particular.

O brasileiro — pelo menos aquele do fim do século XX, ainda retrata estereótipos citados por Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freire — vive na paz; não há guerras com nosso país, herdeiro de tantos combates. Mesmo com todos os pontos que devem ser aperfeiçoados, há muito o que comemorar.

Há muitos anos, falava-se que o Brasil seria o país do futuro. A miscigenação cultural e as transformações sofridas ao longo do tempo (que não só se limitam aos 500 anos de descobrimento, mas que continuam a ocorrer a todos os instantes), mostram que o futuro já chegou e está dentro de nós.





Meus pensamentos, infelizmente, são muito mais rápidos que minhas mãos já cansadas. O tempo também já não é meu aliado. Nessas poucas linhas, retratei da melhor forma possível (ao meu ver) um pouco do meu Brasil. Muitas coisas que aqui estão escritas mostram defeitos de um país jovem; o aperfeiçoamento e a sabedoria aparecem com o decorrer dos anos. Mas, para que eles não demorem muito a surgirem, a mudança deve partir

de cada um. Se todos colaborarem incentivando a educação, a cultura e a memória, talvez nossa identidade seja novamente despertada.

Deixo nessa singela carta um testemunho do meu tempo. Espero estar colaborando, de certa forma, para um país melhor e mais justo. De acordo com um grande escritor, Miguel Reale — mestre meu nos estudos universitários —, “a justiça e a história, Têmis e

Clio, não podem ser como o sol e a lua, alternando-se na ilusória abóbada celeste. Devem ser antes irmãs inseparáveis, para que a justiça se faça história, transcendendo-a”.

Seguindo o fio de Ariadne, minha herança para vocês, descendentes queridos, é a continuidade daquilo que eu fiz. Contribuam também todos vocês para um país melhor. *Ad id ipsum* (para esse propósito, desejo).

# O BRASIL QUE PODEMOS FAZER — UM BRASIL DESENVOLVIDO, COM DEMOCRACIA, INDEPENDÊNCIA E JUSTIÇA SOCIAL

CRISTIANO MATOS DE SANTANA

Universidade Estadual  
da Paraíba - UEPB

Campina Grande - PB

Categoria  
Universitária

Classificação  
2º Lugar

## INTRODUÇÃO

O Brasil que podemos fazer, certamente, não é o Brasil que existe hoje, ao contrário, a sociedade e o povo brasileiro urgem um país em que o estado democrático de direito seja, em verdade, uma realidade social, e não mera ilusão ou formalismo.

Entenda-se como estado democrático de direito o que se funda no princípio de soberania popular e que consiste em superar as desigualdades sociais e regionais e instaurar um regimento democrático que realize a justiça social.

Tal estado que o Brasil tanto almeja e que os constituintes de nossa Constituição Federal de 1988 resolveram instituir tem como fundamentos a soberania, a cidadania, a dignidade da pessoa humana, os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa e o pluralismo político.

Assim sendo, o Brasil que podemos fazer e o Brasil que devemos fazer é um país com desenvolvimento, mas não um desenvolvimento em que as minorias sejam desrespeitadas, não um desenvolvimento em que as transnacionais e o Fundo Monetário Internacional ditem as regras, não um desenvolvimento em que as desigualdades sociais sejam cada vez maiores.

O Brasil que podemos fazer e que o povo brasileiro clama é um país desenvolvido. E esse desenvolvimento há de ser com democracia, independência e justiça social. Tópicos que serão analisados no corpo desse trabalho.

## DESENVOLVIMENTO COM DEMOCRACIA

Democracia como se sabe é o regime político em que “o poder repousa na von-

tade do povo”. Segundo Abrahan Lincoln “democracia é o governo do povo, pelo povo e para o povo”. Dessa forma, democracia não deve ser encarada apenas como governo, mas também como regime e forma de vida.

Mas como se dá a democracia insculpada no direito brasileiro? Os constituintes de 1988 optaram por um modelo de democracia representativa, tendo como sujeitos principais os partidos políticos e também a participação direta dos cidadãos no processo de decisão de governo. Assim, o nosso governo adota uma democracia participativa, onde se notam a participação por via representativa e a participação por via direta do cidadão. Porém, não pára aí. A esse modelo, a Constituição incorpora princípios da justiça social e do pluralismo, sendo a nossa democracia social, participativa e pluralista.

Percebe-se, claramente, que a democracia adotada pela Constituição Federal de 1988 engloba o exercício da cidadania (votar, fiscalizar, ser agente transformador) e o pluralismo político. A Constituição denota, ao adotar o pluralismo político, o respeito à pessoa humana e sua liberdade. Mas para que tal pluralismo se apresente constituindo a base efetiva de um sistema de governo é preciso que exista, na sociedade, relativa igualdade de recursos para os indivíduos. Pode haver ricos e pobres, porém a pobreza não pode revestir-se de maldição, e a riqueza não pode ser um mal, uma ameaça aos desafortunados.

Assim, a Constituição Federal conjuga a capacitação de uma sociedade pluralista com as de uma sociedade livre,

justa, fraterna e solidária (Art. 3º, I da Constituição). Essa é a democracia constante na nossa Carta Política. E o Brasil que podemos fazer e queremos deve traduzir o que está celebrado nesse documento, que é limitador de poderes e garantidor de direitos. É preciso que cada um, no livre exercício da cidadania, exerça suas prerrogativas constitucionais não só através do voto, mas principalmente no cotidiano, através da fiscalização, da denúncia, da reclamação e do exercício dos próprios direitos, para que se possa construir um Brasil verdadeiramente democrático como apregoa a Constituição. Um Brasil em que o respeito às minorias e aos direitos fundamentais constitua uma realidade. E para que o povo possa transformar, revolucionar e construir um país grande como o é fisicamente o nosso, necessário que ele tenha consciência política e consciência política se adquire no dia-a-dia.

É necessário transformar imediatamente o Brasil de estado democrático de direito formal em real estado democrático de direito. A sociedade urge. O povo necessita de tal transformação sob pena de esfacelamento social. Pode-se, concretamente, através do gênero humano e da motivação social erguer esse país continente e alçá-lo à condição de gigante não só territorial, mas econômico, social e democrático.

## DESENVOLVIMENTO COM INDEPENDÊNCIA

Um país, para se tornar livre e ideal para seu povo, precisa indubitavelmente tornar-se independente, afinal, só assim ele poderá propiciar atos justos e benéficos a sua gente.





O Brasil que se quer e se pode construir não pode prescindir de independência e é a nossa Carta Constitucional que apregoa como um dos fundamentos da nossa República em seu art. 1º, inciso I, "a soberania". Também o art. 170 da Constituição Federal, quando trata da ordem Econômica e Financeira coloca a soberania com princípio a ser seguido.

O desenvolvimento econômico brasileiro, embora capitalista, tem toda uma preocupação social e esse desenvolvimento não pode separar-se da soberania nacional dos ditames de independência em relação a outros Estados ou empresas que os represente. A ordem econômica brasileira precisa romper a dependência em relação aos países centrais. E a quem cabe tal ruptura? Não só à burguesia nacional capitalista, mas a cada brasileiro que deve levar na mente como lema e bandeira a serem defendidos o nacionalismo, isto é, o sentimento de amor à pátria, a quem deve servi-la e colocá-la à frente de qualquer missão.

Um país só efetivamente se desenvolve se tiver sua população capaz e competente para realizar as transformações técnicas e sociais exigidas. Daí a fundamental relevância da educação e da cultura no processo do desenvolvimento nacional. Países como França, Suécia, Itália, Japão, Estados Unidos e tantos outros conseguiram desenvolver-se graças à educação.

Acreditamos que a presença estrangeira, no Brasil, é muito forte e muito forte também sua imposição cultural. Basta olharmos ao nosso redor e percebermos centenas e milhões de produtos estrangeiros, dezenas e centenas de multinacionais à frente da economia nacional, e mais a língua estrangeira, principalmente o inglês, cada vez mais presente no pensar brasileiro. O padrão norte-americano e europeu, agora, inclusive na beleza, parece estar cada vez mais presente. Tudo em detrimento do nacional. Desse modo se perde a estima nacional e o brasileiro passa a ter vergonha de sua própria origem tupiniquim e de tudo que é nacional. A imprensa, *in casu*, exerce importância *sui generis*, uma vez que atua como formadora de opinião.

O Brasil precisa deixar de ser vassallo culturalmente dos países centrais e com independência desenvolver-se e ensinar ao seu povo que o Brasil que podemos fazer está na mente e nas mãos do seu povo. E o povo brasileiro precisa saber que a solução dos seus problemas está no próprio país, e não nos paradigmas. O Brasil que se pode e se quer fazer, portanto, já tem sua diretriz no próprio texto constitucional, como demonstrado em diversas passagens. Mister, então, que os governantes, a elite nacional e o povo brasileiro cumpram

a Constituição e exijam o seu cumprimento.

### DESENVOLVIMENTO COM JUSTIÇA SOCIAL

Um desenvolvimento que seja democrático e independente se não tiver forte promoção social, por si só descaracteriza-se como democrático e independente e passa a ser injusto e perverso.

Não se pode falar em desenvolvimento de um país se este desenvolvimento não põe o homem como centro das atenções. Um país desenvolvido é possível fazer, mas a esse desenvolvimento imperioso se torna a justiça social. E só se pode falar em justiça social com distribuição de renda, com erradicação da pobreza e marginalização, com redução das desigualdades sociais e regionais e com a promoção do bem de todos sem quaisquer formas de preconceito e discriminação.

É preciso dizer que tais direitos ao mesmo tempo que são direitos dos cidadãos são deveres do Estado. E se esse falta com seu cumprimento, aquele pode exigí-lo. Para que isso aconteça é necessário que o cidadão seja consciente e exercite suas prerrogativas de cidadão. A cidadania já não é como antes, um simples direito de votar, ela é muito mais ampla. A cidadania como se concebe hoje é no sentido extenso, isto é, a titularização dos direitos políticos de votar e ser votado e suas conseqüências.

Desenvolvimento de um país é a elevação do nível de vida de seu povo. Quando a economia de um país cresce não significa necessariamente que seu povo foi beneficiado. O aumento do PIB (Produto Interno Bruto) e da renda per capita já não é suficiente para caracterizar o desenvolvimento de um país. Esses dados constituem um elemento parcial indicador do desenvolvimento. Cite-se, por exemplo, o Kweit.

O povo brasileiro já não agüenta a verdadeira situação de conflito social existente. Vive-se aqui um pânico diante da frontal violência crescente, que não é outra coisa senão a reação da sociedade. Se os poderes constituídos, detentores das decisões políticas, não promovem o bem comum, logo, a sociedade reage. Desorganizadamente, às vezes. Ideal seria que tal reação viesse organizada com propostas e com exigências sociais. Através dessa última reação o Brasil pode crescer e almejar o lugar no cenário internacional que tanto precisa: o de Estado verdadeiramente independente, democrático e promotor da justiça social. Isso é desenvolvimento, e é esse desenvolvimento que o povo brasileiro de forma planejada pode patrocinar e promover para o Brasil.

### CONCLUSÃO

Ao cabo desse trabalho, pode-se dizer com convicção certa que o Brasil que podemos fazer depende de cada brasi-

leiro. Portanto, o Brasil do futuro: democrático, independente e justo socialmente está na responsabilidade não só dos governantes e da burguesia nacional, mas também do seu povo.

O povo brasileiro parece ser recatado, pacífico e silente, o que não é completamente verdadeiro, já que está cada vez mais se organizando em movimentos sociais, em organizações não governamentais e associações com o fim de fazer valer seus direitos.

O Brasil é um país continental, suas dimensões são portentosas e suas riquezas naturais são imensuráveis. Quinto maior país do mundo, é dono de grandes diferenças geográficas, econômicas e sociais. E mesmo tão grande territorialmente há uma notável unidade nacional, inclusive sedimentada pela língua portuguesa. Poucos países do mundo têm a rica diversidade do Brasil (a Floresta Amazônica, uma grande costa litorânea). Infelizmente não se pode deduzir o mesmo se observarmos os dados oficiais atinentes ao desenvolvimento social. O IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) analisado em três aspectos fundamentais: vida longa e saudável, conhecimento e padrão de vida decente varia em uma escala de 0 a 1. E o IDH do Brasil encontra-se numa desconfortável posição, sendo de 0,830, atrás de muitos países da América Latina e até da África.

Henry David Thoreau assim se posicionou em seu livro *A Desobediência Civil*, que serviu de carta inspiradora para Mahatma Gandhi promover a revolução pacífica na Índia: "Nenhum Estado será verdadeiramente livre e esclarecido enquanto não reconhecer o indivíduo como o poder mais alto e independente, no qual tem origem todo o seu próprio poder e autoridade, tratando-o correspondentemente".

Por outro lado, esse mesmo indivíduo, que o Estado tem de reconhecer e respeitar, precisa despertar para o exercício da cidadania ativa. O sujeito social não pode ser inerte, estático. Ele precisa ser agente de transformações. E no Brasil, a principal mudança deve ser aquela que leve o nosso país ao desenvolvimento com democracia plena, independência real e verdadeira justiça social. Sem esse tripé não há como se falar em desenvolvimento.

O caminho de um Brasil desenvolvido (democrático, independente e socialmente justo) está sintetizado nas simples e sábias palavras de um filho desse solo tropical aborígene e genuinamente brasileiro que é Davi Yonomâmi: "Nosso futuro depende da nossa luta. Se a gente não fizer, ninguém fará por nós". Unamo-nos, lutemos e construamos, como num solidário mutirão social, um Brasil para nós e para nossos descendentes. Para o presente e para o futuro.



# OS OUTROS QUINHENTOS



ANDRÉ LUIZ DUARTE NUNES

Sociedade Educacional  
Santa Marta

São Lourenço - MG

Categoria  
Universitária

Classificação  
3º Lugar

Desde há milênios, tantos quantos registra a História, a trajetória da Humanidade tem estado na dependência do que fazem as novas gerações com o legado das que as precederam. Na resposta dos jovens aos desafios vindos do passado é possível encontrar o tom de onde brotarão torvelinhos instigantes de enormes progressos ou marasmos mumificadores que hão de produzir decadências. Se confusões e apatias paralisarem as consciências jovens, toda a sociedade dos homens se tornará friável e conquistas antigas se perderão. Mas se em vez da confusão os jovens tiverem a clareza dos horizontes e objetivos lhes iluminando os passos, a força dos seus ideais e o vigor de suas decisões gerarão balizamentos e conquistas que hão de marcar toda uma Era. Em todos os tempos as mais duráveis dentre as grandes transformações brotaram da audácia ou generosidade de corações jovens. Veja-se Cristo. Buda. Alexandre, o Grande. Tiradentes. Além de outros, muitos outros.

Nem poderia ser de outro modo. É da Natureza, como bem atesta o velho I-Ching chinês: o Novo irrompe, avança, ergue; o Velho conserva, acomoda, estabiliza. Para compreender esse verdadeiro ritmo cósmico nos bastaria contemplar uma criança às voltas com seu primeiro passo. Parada, de pé, estável, ela se sente ancorada no Velho. Teme. Busca apoios. Mas logo se aventura: desequilibrando-se, projeta-se para frente e avançando se solta em direção às inseguranças do Novo. É assim que aprendemos a andar.

Eis-nos portanto, todos nós, jovens, diante das incertezas e do desafio de nos lançarmos para frente. Tal como acontece com a criancinha, é preciso uma boa dose de temeridade para fazer novos rumos — direções nossas — com nossos próprios passos. Bendita temeridade, aliás! Pois se a existência transcorresse de trás para frente, de modo que os velhos é que tivessem de aprender a andar, é bem provável que reumatismos e prudências nos tivessem mantido de gatinhas até hoje. A Natureza, como se vê, é muito mais sábia do que intelectos encanecidos. Estes, estáveis e cristalizados, pela pena do sarcástico Bernard Shaw bem que podem continuar sublinhando a famosa exclamação: “a juventude é uma coisa maravilhosa; mas que desperdício dá-la aos jovens!” que fiquem eles com os gloriosos ecos de suas frases de efeito. A verdade é que sem “desperdícios” de viço nada chega ao estado de florescimento.

O viço, ou melhor, a *virtus* no sentido que os romanos lhe davam, é fundamental para a irrupção do novo. E a urgência dessa irrupção é quase sempre tão grande que dispensa prudências.

Os desafios que nós, jovens, estamos co-

meçando a enfrentar, não são apenas complexos, quase inextricáveis. Parecem também ciclóticos, principalmente os que assombram a nova geração de brasileiros. Para enfrentá-los é crucial que nos desvençemos das perplexidades a que nos induz o fogo cruzado da mídia e dos meios de comunicação, atordoante foguetório com aparência de festivo e iluminante. Será preciso fugir das confusões com que tentam nos contaminar os efusivos e eloqüentes discursos de políticos e figurinhas televisivas, aqueles porque quase sempre cínicos e estas porque meros bobos da corte que ajudam a perenização das velhas estruturas na medida em que tornam “engraçadas” e transformam em “espetáculos” e “pontos de audiência” as falhas de seus alicerces. Tal como previu Aldous Huxley, em 1931, nesta época de muita tecnologia as maiores pústulas e mais fundas escravidões nos são inoculadas por esses hospedeiros de males letais, especializados em picar com anestesia de sorrisos e doces afabilidades.

Todo o cuidado é pouco. São muitas as sereias em contínuo canto de nos encantar, para que desviemos os olhos de nossas bússolas. Aparências quase sempre enganam, miragens nos são apresentadas com consistência tátil e brilhos gloriosos. Será prudente aguçar a percepção de modo a distinguir o tilintar de interesses ao fundo dos arroubos de “ideais”, de “princípios” e mesmo “religiosidades” estagnantes. E, sobretudo, evitar a monumental sedução dessa gigantesca fábrica de interesses (até mesmo culturais) em que se transformou o chamado establishment da Cultura, com suas universidades, cursos, “marketing”, tiques de caducas burocracias e diplomas com charme de palimpsestos. Há todo um onipresente e camuflado aparato em contínuo funcionamento no objetivo de nos tornar dóceis ou imobilizados por perplexidades.

O cinismo dos semblantes sorridentes, a hipocrisia dos hospedeiros de lepras antigas jamais confessará: esse estado de confusão satisfaz seus interesses, pereniza os mofos e ranços de que eles se nutrem, transforma-se em proteção de seus privilégios, e, como se não bastasse, ainda lhes permite o luxo e o desprate de censurar nossas “temerárias novidades”, “utopias” e “sonhos de jovens”. Nem tudo está perdido, porém. Nem todos os velhos são velhos. Veja-se, por exemplo, o que diz o jovem ancião Gaston Bachelard: Frequentemente os pais abusam ainda mais do seu saber do que de seu poder. A onisciência dos pais, logo seguida em todos os níveis de instrução pela onisciência dos professores, instala um dogmatismo que é a negação da Cultura. Quando atacado pelas loucas esperanças da juventude, torna-se profético. Pretende se apoiar sobre uma “ex-

periência de vida” para prever a experiência da vida. Ora, as condições do progresso são doravante tão móveis que a “experiência da vida” passada — se é que uma sabedoria pode resumir-la — é quase fatalmente um obstáculo a ultrapassar, desde que se queira dirigir a vida presente.

Luz, como se vê, não tem idade. Porque ilumina, sempre se faz sempre nova.

É preciso que todos nós, jovens, aprendamos a não ter medo do Novo. E tampouco de encarnar o Novo. Desta nossa postura há de brotar um novo país, um novo mundo. Não será necessária profunda reflexão adicional para percebermos que a urgência em promover mudanças é tanto maior quanto mais avassaladoras as pressões para que nos tornemos domesticados.

Eis-nos, portanto, frente a frente com o futuro — com a Pátria que queremos construir para nós e nossos descendentes — um Brasil novo, país outros quinhentos, nação que seja “a nossa cara” e não imitação barroca, carnavalizada e tropicalizada, de culturas além-Equador. O primeiro passo, aparentemente temerário, será desestruturar todas as articulações de uma mentalidade encardida por meio milênio de usos e abusos de acomodações. Deixemos, portanto, de venerar pretensas pátrias patrióticas. Examinemos sempre o que há por debaixo delas.

Um vôo panorâmico por nossa História tornará evidente que ao longo desses nossos cinco séculos estivemos cristalizando uma postura de colonos, que hoje se sofisticou. Nossos deslumbramentos e referenciais não se tantalizam em apenas uma metrópole. Nestes dias globalizados nós vivemos, imitamos, nos vendemos e nos descaracterizamos — como cultura e nação — através de aviltantes osmose e sutis compulsões que nos curvam a várias metrópoles ao mesmo tempo. Somos, hoje, colonos com certo status.

Não é pouco, convenhamos. Principalmente pelo fardo que isso representa para nossas futuras gerações. Tal como fizeram nossos ancestrais, cuidamos apenas de aprimorar a embalagem desse legado de pobreza. Assim, a cada nova geração de brasileiros é servido um ufanismo cada vez mais atraente, em molduras importadas das nossas várias metrópoles, mas sempre transbordando de enfeitantes cores tropicais. Matizes de carnaval. Idéias com muito axé. Jeitinhos. E... gingas sensuais.

Desse histórico carnaval precisamos despertar, ainda que a custo de enxaquecas. Um país novo não se faz com embalagens coloridas tiradas de monturos e rejeitos. Nós precisamos ter a cara de nossa verdade como povo e Cultura, e não um mero arremedo tornado cada vez mais ridículo século após século.





Vejam uma amostra do que nosso pobre ufanismo encobre. Nossa independência, por exemplo, não foi exatamente nossa: não merece ser grafada com "I" maiúsculo. Não passou de prosaica transação financeira envolvendo, já naqueles primórdios, duas metrópoles: Portugal e Inglaterra. Ali principiou nosso endividamento externo, mas, como consolo, fomos contemplados com nossa ascensão a certo nível mais sutil de colônia. Nossa República, com um século de atraso em relação à francesa, nasceu de cesariana perpetrada por uma quartelada, a que se seguiu uma chamada "consolidação" por certo "marechal de ferro". Não era de estranhar. As atitudes prussianas estavam em moda nas cabeças forradas de quepes e os ideais republicanos "não deveriam ser deixados à incúria de civis sonhadores", como Napoleão I tão militarmente havia demonstrado. Foi assim que, depois de uma guerra contra o minúsculo Paraguai, gloriosa apenas para nossos pruridos patrióticos, e após o grande solavanco da abolição da escravidão (exigida, aliás, por nossas metrópoles), precisávamos nos dar ao luxo de uma abertura. Mas não convinha que esta nascesse eivada de subversões. Com Dom Pedro II deportado e o país mantido em ordem unida, instalaram-se confortavelmente sobre as baionetas do "novo" poder as oligarquias que fizeram a república hoje dita "velha".

Desde então, o que mudou? Acaso se robusteceu essa nossa fragilíssima auto-estima, que desde sempre tem produzido nossa diátese a patéticas alienações, a recorrentes ditaduras e às mais ingênuas e "patrióticas" subserviências? Porventura nosso ufanismo se fez menos bobo ou diferente apenas porque se maracanizou ou agora rebola nos sambódromos? Será que nossa memória finalmente deixou de se encantar com mitos e "vultos" do passado para se fixar — como é preciso — em acontecimentos bem recentes, que nos cobrem de vergonha? Será que finalmente conseguimos guardar fatos e lições com solidez e nitidez suficientes para bem instruir a terrível decisão implícita em nosso ato de votar e ser votado?

Nada mudou, pelo que se vê. Nem há ao menos sinalização apontando para uma nova mentalidade. Nossos partidos políticos e eleitores, por exemplo, poderiam ser transplantados para a República Velha. Com notórios "aperfeiçoamentos", aliás: conseguiriam ser mais inconsistentes, mais fisiológicos, mais corruptos e ainda mais cínicos. Esta poderia ser a mais acachapante evidência de nosso tão amarrado "progresso", com perfume barato de balofos ufanismos e nossa promoção às gambiarras dos Moulins Rouges das nações ricas, agora que nos tornamos colonos globalizados. Mas não são apenas nossas instituições que são frágeis. Pior que tudo, a maior de todas as desgraças reside no fato de que tais fragilidades se enraizam em nossa alma.

A solução, portanto, está em nós. Exatamente aqui, nesta consciência que enquanto lê mergulha em nossa realidade e, por isso, nos vai queimando de responsabilidade — já que esperar não é saber. Uma

vez que se sabe, a ação se torna compulsória, automática, premente. É preciso agir, mesmo não falando de flores, e pouco importa se de braços dados ou não. Uma vez acesa, a verdade queima e ilumina sem contemplar os desvãos em que se enfurnem hipocrisias, posto que para sempre será fogo.

Este é o momento de questionar velhos paradigmas, derrubar totens e símbolos da velha mentalidade colona, ressuscitar nossa dignidade a partir das raízes. Com esta atitude poderemos receber impactos sofridos, mas iluminantes. É possível, por exemplo, nos defrontarmos com luminárias de nossa inteligentia em explícitas celebrações da miscigenação que nos produziu, declarando-se também mulatos quadrarões ou outavões. Todavia, não obstante tal panegírico aos nossos sangues e vezos, às nossas construções e fascínios, muitos desses intelectuais nos surpreenderão pelo seu envolvimento quase simbiótico com velhas oligarquias colonas, em explícita cumplicidade com os IBAD e "Alianças para o Progresso" que nos compraram descaradamente.

Bem recentemente víamos outro sociólogo, também apergaminhado por diplomas das metrópoles, se jactando ostensivamente de sua condição de mulato. Mas, dias depois, tornando explícitos seus deslumbramentos de pós-mulato e assumido colono, nós o flagraríamos descrevendo um de seus reis: Bill Clinton é uma personalidade fascinante, impressionante. Além de ter idéias e de ser carismático, você não pode parar de olhar para aquele homem de dois metros de altura, umas patas incredulamente grandes, um nariz de batata, avermelhado, e mãos de gigante. Está na história da política americana.

Como se vê, se não reprogramarmos nossas consciências de modo a enxergar a verdade de nós mesmos, de nada adiantará nos transformar em entes globalizados. Permaneceremos meros colonos.

Quebre os ícones, pois. Derrubemos totens. Fumiguemos nossos sótãos e expulsemos nossos fantasmas com a mesma alegria com que fomos colonos, sem crispções rancorosas ou xenófobas. De todos os povos ao sul do Equador, somos o que melhores condições tem para este milagre de conscientização.

Revisemos nossos brasões. Remodelemos nossa bandeira nacional, mantenhamos suas cores (vá lá!) mas eliminemos seu dístico positivista (falta nele a palavra Amor), jactancioso e comprovadamente utópico. Refaçamos também o hino pátrio, tornando-o mais sóbrio e de rimas menos esdrúxulas em todos os sentidos. Substituamos nossa famosa constituição dita "cidadã", já tão liquefeita em "medidas provisórias", por outra mais enxuta e vazando menos impunidades; como modelo poderíamos partir da famosa carta constitucional sugerida pelo jovem Capistrano de Abreu:

**Artigo único: TODO BRASILEIRO FICA OBRIGADO A TER VERGONHA.**

**Parágrafo único: REVOGAM-SE AS DISPOSIÇÕES EM CONTRÁRIO.**

Lancemo-nos nesta lição que se abre diante de nós a cada novo dia. Construamos agora o Futuro que queremos, a partir de novo estado de consciência e nova mentalidade. Em qualquer carreira ou profissão, em todo o lugar e seja qual for nossa formação profissional ou universitária, manifestemos por atitudes e atos nossa fé na Qualidade e na Verdade, mantendo-nos em frontal e contínua oposição a todo tipo de mediocridade, principalmente essa — tão em moda — que privilegia a quantidade e se torna indústria de sofismas, cinismos, crimes, impunidades e todo tipo de velhacaria.

Basta de colonização. Basta de vícios importados! Nós, jovens, temos direito ao Futuro.

Segundo dados levantados por órgãos internacionais idôneos, veiculados fartamente pela imprensa, de cada dez serão sete os jovens que não conseguirão desfrutar de padrão de vida pelo menos igual ao que hoje desfrutam seus pais. Ora, não é bem isso que desejamos para nossos filhos.

Pode parecer pouco. Ou excessivamente simples. Mas se nos conscientizarmos profundamente, libertando-nos dos velhos paradigmas de colonos, com suas tantas e invisíveis metástases, a ressuscitação da vergonha nacional produzirá os milagres de que estamos carecendo. Sim, bastará nos centramos nos óbvios e sólidos valores de nossa própria humanidade, dignificando-a corajosamente e às claras, para que os velhos de todas as idades se convençam de que estamos falando de flores embora caminhando de braços dados ou não. E a Lei Magna sugerida por Capistrano, embora não instituída formalmente, entrará de fato em vigor.

A hora é esta. Uma tal conscientização precisa ser deflagrada agora e em toda a parte, se quisermos um Brasil outros quinhentos. Lembremo-nos do trágico e histórico exemplo que nos dão os índios. Quando maravilhados se renderam às bugingangas, às armas e à religião dos colonizadores, eles simploriamente julgavam que continuariam desfrutando de suas matas sem fim, e da caça e riquezas que lhes dava esta terra que já foi Pindorama. Eles eram, então, 5 milhões. Hoje são apenas 300 mil — amargo genocídio feito de cobiça, interesses, desumanidades e terríveis hipocrisias com bênçãos de clérigos e governantes.

Somos hoje uma das maiores extensões de terras agricultáveis do Planeta, com enormes recursos hídricos, minerais e energéticos que fazem a cobiça das metrópoles globalizadas, que já cravam as garras também em nossas florestas. Se nos entregarmos aos mesmos fascínios que vitimaram os índios, permitindo que metrópoles se apropriem de nossos rios e florestas, de nosso sangue e nossos filhos, é certo que não seremos exterminados como os índios. Afinal, os tempos mudaram. Nossa escravidão se fará através de trucidante aumento das dívidas apelidadas de "externa" e "interna", sob administração de vice-reis locais.

Cabe a nós refazer o Brasil. Agora. **QUAE SERA TAMEN.**